

Marina, Motel do Mar

Rubem Braga

Morreu o "Bicudo", botafoguense raivoso, mas sempre cordial e até carinhoso com este obscuro flamengo nos encontros da madrugada; foi-se o bom Castro, que só conheci em sua grande mesa de secretário da redação do "Correio da Manhã", e que sempre foi para mim, nas duas vezes em que trabalhei no "Correio", um ponto de apoio humano; e também se foi J. Guimarães Menegale, homem de cultura e de coração que conheci há mais de 30 anos em Belo Horizonte e que se fez um amigo precioso em certa fase de minha vida, permitindo a um jornalista independente ganhar honradamente algum dinheiro na Confederação das Indústrias sem qualquer compromisso político. A morte dos conhecidos e amigos é, na verdade, o começo da morte da gente; de vez em quando tenho a impressão de que começo a ter mais amigos do lado de lá que do lado de cá...

Mas por enquanto a vida vai tocando; e sábado me toquei para Angra dos Reis, paisagem das mais belas do Brasil, com pés de fruta-pão, mangueiras e embaúbas à beira-mar, rochedos e florestas entre pequenas praias brancas, ilhas verdes faiscando ao sol... Um homem inteligente, o médico Paulo de Albuquerque, resolveu virar hoteleiro, mas não um hoteleiro qualquer, um hoteleiro do mar. E está acabando de construir o primeiro motel marítimo do Brasil, a primeira "marina" que é como se diz no estrangeiro.

Fica no lugar chamado Cachoeira (da montanha atrás descem cursos d'água para o mar) em uma volta da baía, bem defronte à cidade de Angra dos Reis, e estará funcionando no começo do verão. Posso fazer propaganda porque Paulo não está vendendo cotas nem títulos de participação, nem lotes, nem nada. Ali quem chegar por terra ou por mar terá, a qualquer hora do dia ou da noite, água, óleo, gasolina, alguma coisa para comer ou beber, cabana para dormir com ar refrigerado, barco para alugar.

Será a primeira "marina" do Brasil, e quando ela começar a dar dinheiro ao corajoso Paulo estou certo de que outras surgirão no Rio, em Cabo Frio, Santos, Paranaguá, Vitória, Bahia — precisamos de uma rede de "marinas" para tornar possível o turismo no mar. Que tem isto de bom: não exclui nem desmerece, apóia e dá valia ao pescador profissional, ao artesão, ao prateiro, à gente boa de nossas cidadezinhas do litoral. Acho inclusive que a própria Marinha de Guerra (que devia ter ficado com a direção dos organismos que fazem a política da pesca, hoje com o Ministério da Agricultura) deve se interessar pela navegação paisana.

Por que não facilitar, por exemplo, a entrada da baía de Sepetiba, que tornaria tão mais fácil e interessante a navegação de pequenos barcos do Rio para o Sul? Quanto mais barcos em nosso mar, melhor para todos; os navegantes são todos irmãos, e é, ou devia ser, uma só grande família, a gente do mar...

DN - 24.8.65